

'Sou eu mesmo quem manda. Vou levando do meu jeito, mas vou levando'

FH: 'Itamar faz beicinho; Ciro bate abaixo da cintura; Brizola é o passado'

• O presidente Fernando Henrique Cardoso continua a falar de política e de políticos, mas revela também alguns aspectos pessoais.

ITAMAR, CIRO E BRIZOLA

• Não tenho raiva, mas vamos separar. Não quer dizer que não tenha julgamento das pessoas. Sobre o Itamar nunca disse uma palavra porque fui ministro dele. Eu o ajudei, ajudei o governo, mas ele também me ajudou. Não sou desse gênero de cuspir no prato que comeu. Nomeei o Itamar embaixador duas vezes, e deixei uma terceira vaga — que ele me pediu — reservada, que seria Roma, porque ele me disse que não seria candidato, não estava certo de ser candidato. Isso ele me disse em janeiro de 98, e foi candidato em março de 98. Bem, as pessoas mudam normalmente, não estou acusando. É uma coisa normal da vida. Ele ficou chateado por causa daquela questão que ele queria ser candidato, não foi. Perdeu no PMDB, eu disse que ia fazer de tudo para ter o PMDB comigo, e fiz. Não aquela baixaria da convenção. Até mandei avisar para ele não ir à convenção. E pedi aos homens do governo, ligados ao PMDB, que não fizessem nada contra o Itamar. Depois apresentou o pretexto de uma tal foto de todos rindo. Aquilo era pretexto. Eu tinha ganho, veio o pessoal me dizer que ganhei, vou fazer o quê? Aquilo é pretexto que ele usa, é o estilo do Itamar, fazer beicinho. Nunca critiquei. Nunca falei nada. Não respondi. O Itamar disse uma porção de coisas. Não respondo. O Ciro é diferente, porque ele não tem razão alguma de fazer os ataques que faz. E o Ciro faz ataques abaixo da cintura. Faz insinuação de leniência com a corrupção, faz eco com Antonio Carlos Magalhães. A última conversa séria que tive com Ciro foi para convidá-lo para ser ministro da Saúde, coisas desse tipo. Depois ele disse uma coisa inacreditável: que eu estava fazendo fofoca. Eu nem sabia. Ele não tinha intimidade comigo, como é que ele ia me contar essas coisas? Jamais! Não sabia com quem ele ia se casar ou não ia se casar. Não tem sentido. Aliás, ele diz que não tem provas de que eu tenha feito... Se não tem provas, para que falar uma coisa sem sentido como essa? E o Ciro tem um estilo que não gosto, porque é o estilo do iconoclasta. Ele chega e pergunta: quem é o homem que está competindo naquele local? Ele ataca aquela pessoa. É a maneira de se fazer crescer pelo negativo. E tem dito muitas coisas que não correspondem à verdade. Um almoço, até cheguei com o Tasso, em que teria me imposto como candidato. Quem me conhece sabe que não faria isso nunca. Não é meu estilo. Isso não é assim. Talvez ele, Ciro, quisesse ser candidato já naquela época, e eu não tivesse percebido... Já o Brizola é uma pessoa pessoalmente sedutora, pessoalmente é encantador. Sempre tive boas relações com Brizola. Agora, o tempo avançou e ele não. Estou processando o Brizola porque ele me acusou de ter, por causa da CLT, comprado votos. Chega, ele me cansou. O que é isso? Toda hora, sem nenhuma evidência, só para fazer onda? Acho que ele pertence ao passado. Não discuto com o passado. Eu o registro.

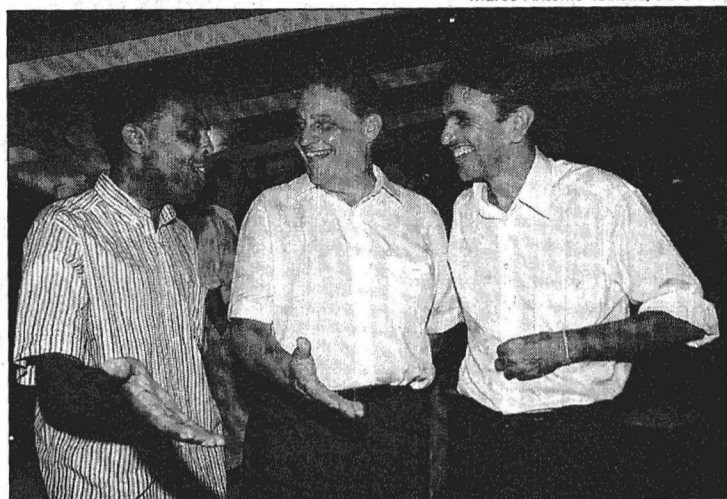
CRÍTICAS À REELEIÇÃO

• Se não tivesse havido reeleição, teria governado dois anos, porque, em seguida, veio a discussão da candidatura. Estou há sete anos, entrando no oitavo, para poder implementar alguma coisa. As pessoas dizem com muita facilidade tudo isso, mas a preocupação naquele momento é que tínhamos de segurar a peteca. Tínhamos de enraizar no Brasil mudanças profundas, como estamos fazendo. Então, evidentemente, do ponto de vista pessoal, olhe quantas vezes já me disseram isso? Ninguém sabe no segundo mandato o que iria acontecer. Sairia na glória, não é isso? Porém, o que se tinha plantado, não sei se poderia ficar, porque não estava ainda enraizado. Outra coisa que dizem com frequência e que não é certo: que levei o tempo todo concentrado na reeleição. Por que não fazem um pouco de pesquisa para saber o que aconteceu mesmo? O ano de 1996 foi um dos mais tranquilos que tive de governo. Em 97, houve a crise da Ásia, mas a discussão sobre reeleição começou no fim de 97 e foi resolvida no começo de 98. Em janeiro de 98 foi votada no Congresso. Foi um período curto de tempo. As pessoas esquecem de dizer o seguinte: todas as pesquisas de opinião, todos os editoriais



FERNANDO HENRIQUE, Ulysses Guimarães e Mário Covas

Marco Antônio Teixeira/03-04-98



COM GILBERTO Gil e Caetano Veloso: "Eles são pensadores"

Fernando Maia/27-05-94



NA CAMPANHA de 1994, andando de jegue em Alagoas

Gustavo Miranda/12-12-98



COM DONA Ruth, na diplomação do primeiro presidente reeleito

de jornal eram favoráveis à reeleição. E venceu por larga margem: 360 e poucos votos, precisava de 308. No Senado, por 80%. Houve, evidentemente, na Câmara, empenho político. Mas inventarem que passei o tempo todo, sei lá... Não é verdadeiro. "As reformas não foram feitas porque o presidente se ocupou da reeleição"... Por que não lêem os jornais, não fazem reconstrução das coisas para ver?

PERDA DE AMIGOS

• Ah, foi duro. Acho que Deus não foi complacente com o lado de cá, porque morreram todos os que eram muito ligados a mim. Aí foi duro. Foi o Luís Eduardo, foi o Sérgio, foi o Mário Covas, meu irmão no início da campanha. Realmente, desse ponto de vista, foi duro, muito duro mesmo. Quanto às perdas políticas, a gente perde uns e ganha outros. Politicamente, sempre houve quem inventasse que tinha alguém que mandava no governo. Sempre me diverti com isso. Era o Serjão, depois o Antonio Carlos, o Serra... Quem mais está mandando agora? Não sei quem manda agora. Sempre inventam. Só se esquecem de que quem manda sou eu mesmo. Vou levando do meu jeito, mas vou levando.

AUTOCRÍTICA DE SETE ANOS

• Eu faria de outra maneira certas coisas. Se bem que as coisas foram propostas de um jeito e saíram de outro completamente diferente. Por exemplo, a Previdência. Eu faria uma só proposta: ninguém pode se aposentar

com menos de 60 anos, privado, público, homem ou mulher. Ponto. Mais nada. Isso já dá uma modificação enorme na estrutura da Previdência. Perdemos todas as batalhas de modificação no que diz respeito ao funcionalismo público. Todas. E até ficou uma imagem errada de que não houve aumento de salário. Ora, quando assumi o governo gastávamos R\$ 40 bilhões por ano, hoje são R\$ 60 bilhões. Como não aumentou o número de funcionários, alguém ganhou mais, não é verdade? Por quê? São corporações muito fortes. Então, acho que fomos com muita vontade de mudar tudo, sobretudo na Previdência e na parte administrativa. Na previdência privada houve um avanço grandê por causa do fator previdenciário; na pública foi praticamente zero, e o déficit está aí: enorme. Eu seria menos ambicioso e mais específico nessas reformas... Na questão da reforma política, todo mundo fala: deveria ter começado pela reforma política. É. Ia começar e não sairia dela. Aquilo foi caso pensado.

A ESCOLHA DO CANDIDATO

• Está difícil, muito difícil. Mas sempre foi difícil o processo. Agora, vamos ver o que vai acontecer daqui para a frente. O que se vê as pessoas dizendo aqui digo há 30 anos. É preciso haver uma política de alianças porque não se muda o Brasil com um partido só. Isso é um passado, a menos que você pense que pode pegar o Estado, tomar conta do Estado, acabar com estruturas democráticas, transformar as estruturas e depois vem o quê? Vem o paraíso?

ROSEANA SARNEY

• Quem sabe? Vamos ver. Tenho dito que quem deve estar preocupado com o crescimento da Roseana não sou eu, é o Lula. A Roseana é governadora, o irmão dela é ministro meu, e gosto muito de ambos. E o pai dela é meu amigo e, mais do que isso, isso é uma questão pessoal, ela governa com correção, lutando para melhorar e está de acordo, grosso modo, com o programa nosso.

A ALIANÇA COM O PFL

• Estou vendo o Lula lutando e querendo fazer aliança com o Partido Liberal, dos bispos, do Valdemar Costa Neto de São Paulo. E todo mundo era criticado por fazer aliança com o PFL? Eles estão vendo que num país — em toda parte — tem-se de fazer alianças. A diferença é a seguinte: não fiz aliança com o partido, propus um programa e os partidos apoiaram esse programa. O programa que está aí não é só meu. Os partidos concordaram com ele. Temos um programa. Explico tudo o que estou fazendo, por que estou fazendo, qual a lógica, por que a reforma tal, por que a posição na questão lá de fora da exportação, por que a inflação, por que não sei o quê... Bem, eu não vi essa discussão. Vi a discussão no sentido de que vai haver apoio do partido tal ou qual à candidatura de fulano. O que é isso?

NOVOS LÍDERES

• Já estão surgindo alguns. Fora os que estão mais consolidados, como é o caso do Serra, do Tasso, que já vêm de antes, a Roseana está aí, o Aécio está aí, o Geraldo Alckmin está aí... São pessoas que têm presença, têm projeção. Alguns, na oposição, tenho menos familiaridade. É curioso: na oposição as pessoas já são gastas. Os nomes bons, o Miro, o Genoino, o José Dirceu, são tantos anos, e como eles fazem os discursos e não têm ação, porque não podem ter, o discurso cansa, não surge novo. Não estou vendo líder novo.

PREVISÃO DE LULA

• Quando o Lula alerta seus militantes de que esta pode ser a última chance de o PT chegar ao poder, ele não está sendo pessimista. Está apenas confundindo a biografia com a história.

CAETANO & CHICO

• Tenho muita admiração pelo Caetano. É um homem muito inteligente, leio as coisas dele. É um intelectual. Além de ser um músico excepcional, um poeta, é capaz de produzir imagens. Ele cria. Fizeram uma fofoca enorme com o Chico. Gosto dele. Tenho profunda amizade pela mãe dele, a Maria Amélia. Outro dia mandou-me um bilheteinho a mão porque escrevi um prefácio de um livro do Sérgio (Buarque de Holanda) lá na Itália. A Maria Amélia é uma pessoa extraordinária, doce, inteligente. Tenho relação com muita gente da família dele, e separo inteiramente a questão — como eu disse agora — política. Todo mundo tem o direito de escolher o partido que quiser, da questão pessoal. O Chico é um grande artista, um poeta extraordinário. Uma vez disse: acho que fulano tem uma capacidade criativa demais, sofisticada, não sei o quê. Fizeram uma onda danada, porque o Chico normalmente apóia o PT. Não tem nada a ver. Não vejo o Chico há muito tempo. Isso é da vida. Vários dos irmãos do Chico são pessoas com quem mantive relações. Conheço o Chico de menino. O Sérgio era uma pessoa extraordinária, tem uma grande história do Brasil, o capítulo sobre o Império é admirável, o "Raízes do Brasil" é um livro fantástico. Sempre tive admiração profunda pelo Sérgio. E, nas festas de aniversário, o Chico cantava, então não tem nada disso.

PREFERÊNCIAS MUSICAIS

• Gosto das músicas do Chico, do Caetano. Também gosto muito daquele que é de uma criatividade brutal, o Gilberto Gil. É uma pessoa que realmente queria trazer para o governo também. O Gil é como Caetano: pensador. Gosto de Roberto Carlos. Ganhei agora de Natal de um amigo o CD acústico do Roberto Carlos, que está genial. De cantora, gosto imensamente da Bethânia, gosto da Daniela Mercury, também. É muito variado o gosto. Gosto da Elis Regina, também. Mas gosto de uma coisa que aqui em casa sou o único: ópera. (Jorge Bastos Moreno)